Entre Dervixes e Bruxas

Viagens no tempo e no Espaço

Nelson Pizzutti Nogueira

Prólogo

Minha filha Renata, sempre demonstrou avidez por entender e aprender tudo.
Há pouco tempo lhe mostrei um capítulo desse livro, que falava sobre pessoas, regiões e coisas que ela tinha conhecido conosco, mas falava de coisas e fatos que ela não sabia, e considerou um tanto fantasiosas.
Embora ela seja uma pessoa madura, bem informada, graduada e com pós-graduação, casada e com uma linda filha, no fundo para eu as minhas filhas sempre serão aquelas menininhas para quem eu lia estórias quando eram crianças.
Ela então após ler o meu texto, me perguntou com sincera curiosidade: “Pai, eu conheço essas pessoas e esses lugares, e muitas coisas eu sei que são verdade, mas tudo que você conta realmente aconteceu?”
Retribui com uma pergunta: “Minha filha, se você está em dúvida então você acha que pode ter acontecido, certo? Então que diferença faz?”
Se eu dissesse “Sim” ela continuaria duvidando, e seu dissesse “Não” o encanto da história seria quebrado, e eu estaria mentindo.

Eu acho sinceramente que não devemos perder tempo e esforço, tentando saber se algo aconteceu ou não, mas sim vivendo e sonhando com o que pode acontecer nos fantásticos Mundos Paralelos que existem entrelaçados.

Você está pronto para embarcar nessa viagem fantástica?

Deixe de lado suas dúvidas, certezas, dogmas, e simplesmente se deixe levar pelo Tempo, pelo Espaço, e pela imaginação.
Garanto que 98% de tudo que você vai ler aconteceumesmo, e até acrescentei fotos para ilustrar as viagens.
Porém sobre os restantes 2%, a resposta é a mesma que dei à minha filha.

Ao lado foto da minha cética favorita Renata, ao lado de Paulo seu esposo, quando esperava a vinda da minha netinha Valentina.



Navegar é Preciso?

Ariano Suassuna, numa de suas maravilhosas entrevistas, que ele costumava classificar como palestras aulas, contou que era avesso a formalidades, mas uma vez aceitou comparecer a um jantar de gala no qual era um dos homenageados. Desconfortável nesse ambiente ouvia a dona da casa e patrona do jantar, uma afetada "perua" discursar sobre as maravilhas de viajar a Miami e à Orlando.
É sabido que Suassuna não tinha receio de quase nada, mas quando se tratava de voar, ainda mais a longa distância, ele preferia enfrentar o "tinhoso" a ter de fazer isso. Por isso raramente saiu de sua terra.
Pois não é que a "madama" virou justo para ele e perguntou: "O senhor já foi à *Disneylandia* , não foi?"
Justo para quem ela foi perguntar!
Todos os olhares se fixaram em Ariano Suassuna.
Quem o conhecia bem já antecipava a resposta.
- Não, nunca fui à Disneylandia, não senhora, respondeu casualmente Suassuna.
- Mas como isso é possível, você nunca esteve em Orlando? Insistiu jocosamente a inoportuna senhora.
Ariana Suassuna, confessou então em sua entrevista/palestra, que naquele momento entendeu que a Humanidade segundo a ótica daquela senhora se dividia em dois grandes grupos: Os que tinham ido à Disney e os que não tinham ido. E divertiu-se muito com isso.

Que aprendizado nos trouxe o grande Suassuna nessa "aula"?

Primeiro a sua grandeza na humildade, tão bem retratada em suas obras, pois poderia fazer ver àquela mulher que existiam outras segmentações muito mais relevantes e grandiosas, onde ele era personagem frequente e das quais ela nunca faria parte.
Outro grande ensinamento é que ele menino/velho Ariano conseguiu viajar por universos maravilhosos e inatingíveis por nós pobres mortais (visto que ele é um imortal da Academia) tais como o Paraíso, o Purgatório e o Inferno vivenciados por ele em sua obra prima “O Auto da Compadecida” onde seu personagem João Grilo(seu alterego) duelava em esperteza com o próprio “Satanás”, e dialogando com Nossa Senhora e Manoel, representando Seu Divino Filho.
Como é dito sabiamente em uma de suas obras, a força do rico é o dinheiro e a força do pobre é a esperteza.
Viajou misticamente ainda Suassuna por regiões dominadas por coronéis monstruosos e avarentos, como em “O Santo e a Porca” , e por tantos outros lugares em viagens mágicas, muito mais significativas para nossa cultura e para o crescimento intelectual do que visitar a terra do Mickey.

Mas o maior ensinamento que nos fica é que para visitarmos universos mágicos e distantes da nossa realidade, não precisamos sair fisicamente de nosso lugar quando viajamos, o aprendizado está na mente, na emoção e na alma.
Mas isso é para seres mais evoluídos como Ariano Suassuna, nós meros mortais menos afortunados, talvez precisemos mesmo viajar fisicamente para tentar conhecer e experimentar novos universos.

Desde criança, viajar para lugares mágicos em minha imaginação, sempre me fascinou.
Eu lia clássicos como “As Viagens de Gulliver”, e “Robinson Crusoe” e me imaginava descobrindo terras desconhecidas como eles.
Mas minha “viagem” favorita sempre foi “Expedição aos Martírios” de Francisco Marins, livro que ganhei de presente de minha professora Dona Nieth quando eu cursava o ensino fundamental em Guaratinguetá.
Uma vez o emprestei a alguém e ele se perdeu. Só sosseguei quando minha dedicada esposa Sonia comprou outro exemplar num sebo e me presenteou.
Não era um livro para ser lido, mas sim um mapa de uma viagem mágica que eu imaginei fazer em minha adolescência.

Quando cheguei à casa dos quarenta anos, e dispondo agora de recursos para viajar pelo mundo, decidimos minha esposa e eu, que tentaríamos fazer todas as viagens que pudéssemos e com as quais eu tinha sonhado durante toda a vida.

Fizemos um pacto de não nos escravizar a ícones do luxo, como casas e carros luxuosos, viver com parcimônia, de forma a que sobrassem recursos para nossas viagens sonhadas.
Temos até hoje uma brincadeira entre nós, quando partimos numa viagem, brindamos com champanhe e dizemos: “Nós somos mesmo uns bobinhos!”
Essa brincadeira teve origem quando iniciamos a vida de casados e algumas pessoas de nosso relacionamento

nos chamaram de bobos porque economizávamos em supérfluos, que para eles eram na verdade considerados indispensáveis na vida moderna.

Conseguimos nos aposentar relativamente cedo graças a essa estratégia financeira, de forma que eu me tornei consultor independente aos 47anos, o que me permitia ter tempo e independência para viajar.
Mesmo antes disso, enquanto executivo em alguns bancos no Brasil, fizemos muitas boas viagens.
E com todas aprendemos muito, e vivenciamos experiências únicas do ponto de vista intelectual e espiritual, que me preencheram vazios n'alma.

Hoje com as tecnologias disponíveis nós não precisamos ir para Paris para ver e conhecer em detalhes a Torre Eiffel por exemplo. Temos "sites" na web que nos permitem ter visões 3D, de todos os ângulos, talvez melhor do que indo pessoalmente lá.
Mas para saborear um fondue artesanal com vinho da casa, numa ruela escondida de Saint Michel no Quartier Latin, você tem de estar lá em corpo e espírito.
Da ultima vez que fui ao Louvre, eu dispunha de tempo e fiquei admirando detalhes das pinturas.
Eu estava absorto observando a uma prudente distância, uma tela de Rubens, "A Educação de Maria de Médici" que me chamava atenção pelo jogo de luzes contrastantes nos dois lados do quadro, quando fui "desperto" agressivamento por um grito gutural atrás de mim.
Assustado me virei e vi que uma turista queria que eu saísse da frente do quadro para ela tirar uma foto.

Depois vi que ela tirava uma foto de cada quadro em sequencia, sem se importar com maiores detalhes.
Fiquei me perguntando, porque ela fizera tanto esforço para vir a Paris fotografar os quadro, sem se dar tempo de admirar “in loco” a obra-prima original ali disponível.
Fiquei imaginando que ela iria depois mostrar a foto como se fosse um troféu, quando chegasse em casa.
Mas ela jamais teria a experiência de apreciar a obra em si.
Isso que a turista fez eu classifico de “pornografia” porque demonstra não o ato de apreciar uma obra linda, mas o desejo de possuí-la e leva-la para casa nas fotos.
Não é amor é pornografia.
Viajar não é apenas ver ou fotografar lugares famosos ou tirar “selfies” em frente à Monalisa, mas descobrir o que não se vê nos folhetos turísticos, e conhecer pessoas que vivem e habitam em realidades muito diferentes, e poder experimentar um pouco dessas realidades.

Se você for a Madrid, se hospedar num bom hotel de 200 euros por diária e pagar uns 300 euros poderá saborear uma “cena” e assistir um “autentico” show de dança flamenca para turistas, mas se você for amigo do Fernando Fernandez, um artista-marceneiro como eu sou, e ele te indicar ao primo dele que trabalha no hostal Galícia perto da Gran Via, você poderá conseguir um quarto por 20 euros com café da manhã e à noite ir ao Torres Bermejas e entrar pelos fundos, sentar numa mesinha redonda encostada na palco e assistir a um autentico show de tablao (dança e música flamenca cigana), degustando queijo manchego e um honesto vinho de jarra, sem pagar nada além de uma pequena

gorjeta ao porteiro. E no dia seguinte receber a visita da "avuela" do Fernando que nos levou até Toledo e nos emprestou seu carro para passearmos, experimentando a autentica Spagna.
Isso exemplifica que ter experiências fantásticas numa viagem não tem a ver com gastar dinheiro, mas sim com se relacionar com pessoas e com "terroir vivre" cuja tradução livre poderia ser "curtir o ambiente, o clima, e o modo de vida".

"Navegar é preciso, viver não é preciso" dizia Camões e agora eu entendo a grandeza desse verso.
Viver 100 anos numa casa num mesmo bairro em Lisboa, é menos que viver apenas 1 ano navegando por lugares desconhecidos, é isso que ele quer dizer nessa frase.

A seguir recordação de uma oportunidade ímpar que tive de encontrar pessoalmente o grande navegador Amir Klink, que vivia literalmente de acordo com o poema de Fernando Pessoa.

